

Estradas contra o desemprego

Obama anuncia pacote de infraestrutura de US\$ 50 bi a 2 meses das eleições legislativas

Fernando Eichenberg*

Correspondente • WASHINGTON
e MILWAUKEE, EUA

Pressionado pelas dificuldades encontradas na recuperação da economia e pelo elevado índice de desemprego (9,6% em agosto) às vésperas das eleições legislativas de novembro, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou ontem um plano de infraestrutura de seis anos, com investimento inicial previsto de US\$ 50 bilhões, que serão destinados para estradas, ferrovias e aeroportos. Apesar de apresentar o programa como de longo prazo, Obama enfatizou que a iniciativa possibilitará a criação imediata de empregos e o desenvolvimento da atividade econômica do país.

Analistas, porém, ressaltam que só haverá criação de vagas ao longo do ano que vem — o que não traz muito consolo para os 14,8 milhões de desempregados americanos. Também há outra questão de longo prazo: o orçamento dos estados. Há cerca de um mês, o economista Paul Krugman afirmou que governos estaduais estavam destruindo estradas por não ter como mantê-las.

— Oito milhões de americanos perderam seus empregos durante a recessão. E, apesar de termos tido oito meses consecutivos de crescimento no número de vagas no setor privado, os novos empregos não estão sendo criados com rapidez suficiente — admitiu Obama em um comício do Dia do Trabalho, comemorado ontem nos EUA, em Milwaukee, no estado de Wisconsin.

Plano prevê banco de infraestrutura

• O novo pacote, que ainda será votado pelo Congresso, prevê a reconstrução de 240 mil quilômetros de estradas; a construção e manutenção de 6.400 quilômetros de ferrovias; a reparação de 240 quilômetros de pistas de aeroportos e a modernização do controle do tráfego aéreo. Também está prevista a criação de um banco de



BARACK OBAMA criticou os republicanos: "Preferem ganhar alguns pontos antes das eleições em vez de resolver os problemas"

infraestrutura — à semelhança do BNDES — para alavancar o capital estatal e privado no financiamento de projetos nacionais e regionais.

Com o fim do recesso político do verão americano, o Dia do Trabalho marca o início da campanha eleitoral para as eleições de 2 de novembro, nas quais o governo está ameaçado de perder a maioria no Senado e na Câmara. No comício em Milwaukee, Obama dispensou a gravata e usou um tom mais enérgico, na tentativa de angariar votos e minimizar o estrago nas urnas previsto nas pesquisas de opinião.

O presidente ressaltou a importância da classe média, atingida em cheio pela crise econômica, e fustigou os republicanos:

— Essas são as pessoas que ajudaram a devastar nossa classe média

e levar nossa economia para o buraco. E agora eles estão pedindo as chaves de volta — afirmou Obama, acrescentando que a oposição só sabe "dizer não". — Mesmo quando concordam, eles dizem "não". Preferem ganhar alguns pontos antes das eleições em vez de resolver os problemas. Nós dizemos que podemos (*yes, we can*, o slogan da campanha presidencial de Obama), eles, nunca.

Oposição crítica 'gastança' do governo

• O líder republicano no Senado, John Boehner — que recentemente pediu a demissão da equipe econômica do governo —, criticou a proposta como

"mais do mesmo fracassado plano de estímulo" lançado por Obama no início do mandato, em janeiro de 2009, de U\$ 787 bilhões. "Se aprendemos algo nos últimos 18 meses, é que não podemos gastar os meios que nos conduzirão pelo caminho da prosperidade. Não necessitamos de mais 'estímulos' do governo, precisamos acabar com a gastança descontrolada dos democratas de Washington", afirmou Boehner em comunicado.

Amanhã, Obama deverá anunciar mais medidas de estímulo, como redução de impostos para a classe média e pequenas e médias empresas, além de vantagens fiscais para investimento em pesquisa e desenvolvimento, energias renováveis e infraestrutura. ■

(*) Com agências internacionais

EUA garantem pouca renda ao desempregado

Rennan Setti

• A taxa americana de desemprego — hoje em 9,6% — vem acompanhada de outro drama: a baixa cobertura da seguridade social nos Estados Unidos. Na crise, o governo chegou a expandir o seguro-desemprego de 12 para 18 semanas, mas o prazo é considerado curto para garantir a subsistência de quem está sem trabalho, lembra o economista-chefe do ABC Brasil, Luís Otávio Leal.

— Acho que é melhor estar desempregado no Brasil do que nos EUA. Aqui, há programas de transferência de renda, Fundo de Garantia e, mal ou bem, um sistema universalizado de saúde — afirmou. — Um dos motivos de o Brasil ter se saído bem na crise foi o governo ter mantido a renda da população por meio desses programas de transferência. Lá nos EUA, não se conseguiu manter o americano consumindo, o que contribuiu para agravar o desemprego.

No Brasil, o seguro-desemprego é de até cinco parcelas mensais de R\$ 954,21, e há o FGTS. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), a taxa de desocupação brasileira era de 6,9% em julho. A pesquisa considera o emprego em apenas seis regiões metropolitanas, enquanto a americana avalia todo o país.

O economista João Sabóia, da UFRJ, lembra, no entanto, que metade dos brasileiros está no mercado de trabalho informal e, portanto, não está coberta por benefícios como seguro-desemprego e FGTS.



FILA EM feira de emprego em Los Angeles, que durou todo o fim de semana do feriado: 8 milhões demitidos durante a recessão

